

***BON-ODORI*: FRONTEIRAS SIMBÓLICAS, IDENTIDADES E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL**

Marcelo Ennes

Docente da Universidade Federal de Sergipe.

Endereço para correspondência: Universidade Federal de Sergipe, Campus Alberto Carvalho, Av. Vereador Olímpio Grande, 49500-000, Itabaiana, SE.

e-mail: m.ennes@uol.com.br

Introdução

O significado original do *Bon-Odori*, uma tradição japonesa milenar, é a homenagem aos mortos. No Brasil é, em geral, realizada no mês de agosto. Em Pereira Barreto (SP), a cerimônia do *Bon-Odori* faz parte das atividades de comemoração de aniversário da cidade e acontece no último final de semana de julho. A festa do *Bon-Odori* de Pereira Barreto é considerada uma das mais bem organizadas de todo o Brasil.

O presente trabalho foi desenvolvido pelo exercício da observação *in loco*, por meio da qual foi possível vivenciar a cerimônia em suas várias expressões: música, danças, alimentação e contato direto com os participantes de várias procedências. Nessas ocasiões, o pesquisador era acompanhado pelo Sr. Paulo Ono, então presidente da Cooperativa Agrícola Tietê, por quem foi apresentado aos participantes da cerimônia. Esse trabalho foi facilitado pelo fato do pesquisador ter mantido contato regular com a cidade e com os informantes por mais de três anos, período em que teve a oportunidade de visitar várias edições do *Bon-Odori*. Foi durante esse período superior a três anos, e não apenas no decorrer dos dias da cerimônia, que se pode obter informações por meio de depoimentos e relatos orais de moradores nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros da cidade.

O acompanhamento do cotidiano da cidade na fase de organização e de realização *in loco* do *Bon-Odori* permitiu verificar que o planejamento, a organização e realização do evento acionam mecanismos de solidariedade e de distinção social, cultural e política entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros. A distribuição das tarefas necessárias para sua realização expressa uma lógica de classificação social e indica as posições que os indivíduos ocupam no interior da colônia. Nesse sentido, a importância não está apenas na

cerimônia do *Bon-Odori* em si, como tradição, mas também na demarcação das fronteiras culturais e expressão de um processo de estratificação social identificável no conjunto de atividades de planejamento e realização da cerimônia. O planejamento inclui: fabricação da decoração, venda de anúncios publicitários, venda e organização das mesas, preparação da comida, organização do serviço, ensaios de dança, canto e instrumentos e a elaboração das homenagens. O que está em jogo é o poder de impor uma visão social e com ela estabelecer quem tem permissão/ obrigação de desempenhar determinadas atividades. Neste contexto, são também definidas as “marcas” da identidade e da diferença no interior da colônia e na relação com a comunidade não-nipo-brasileira.

O estudo foi realizado com base nas noções de campo, *habitus* e homologia de Pierre Bourdieu. Por meio da noção de campo procuramos entender o *Bon-Odori* como expressão de lutas práticas e simbólicas entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros, de suas posições e capacidade de comandar a organização e a realização da cerimônia. Já a noção de *habitus* nos auxilia a entender o processo de aquisição de disposições práticas e simbólicas. A capitalização de nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros nos campos econômico, político e cultural observada em outros campos, é retraduzida no *Bon-Odori* sob a forma de homenagens, reverência e acesso às partes mais restritas da festa. A noção homologia permite compreender as conexões estruturais e a transferência de capital simbólico entre campos distintos. Nesse sentido, esse estudo ratifica a relação já apontada por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992) entre a estrutura social e a estrutura de atividades festivas.

O município de Pereira Barreto

A Estância Turística de Pereira Barreto pertence à Região Administrativa de Araçatuba, está localizada na região noroeste do Estado de São Paulo. Sua origem remonta à implantação de um empreendimento de colonização japonesa no final da década de 1920 (ENNES, 2001). Originalmente, a colônia foi concebida para oferecer a infra-estrutura necessária para o desenvolvimento de atividades agrícolas voltadas para o mercado nacional e internacional, fixando definitivamente o imigrante japonês no Brasil.

De uma maneira geral, a trajetória histórica do município de Pereira Barreto pode ser dividida em três períodos (ENNES, 2001). O

primeiro começa com a compra das terras pela Companhia Colonizadora do Brasil, BRATAC¹ e com a chegada dos primeiros imigrantes, em 1929; e se encerra com a fundação da então Vila Novo Oriente em 1938.

Esse período é caracterizado pela presença de dois grupos sociais distintos. O primeiro era formado por japoneses, dentre os quais havia os que imigraram diretamente do Japão para a área e outros que já estavam no Brasil e tinham passado por experiências de trabalho nas fazendas de café e na construção da ferrovia noroeste do Brasil. Os imigrantes que chegaram na (então chamada) Fazenda Tietê dividiam-se em administradores da empresa colonizadora e os sítiantes, que compravam seus lotes de terras.

Os imigrantes japoneses também representavam quase a totalidade dos comerciantes na vila recém criada e ocupavam posições como a de professores de escolas, nas quais o idioma predominante era o japonês. O mesmo idioma também predominava nas placas de nomes de ruas e estabelecimentos comerciais.

O segundo grupo que se fez presente no início da história de Pereira Barreto era formado por brasileiros - em grande parte de origem dos estados do nordeste. Estes brasileiros migraram de seus estados de origem para Pereira Barreto e passaram a trabalhar nos sítios dos imigrantes como assalariados e também na construção de estradas e pontes na região.

Observa-se, assim, o predomínio da colônia japonesa no campo econômico (por serem proprietários de sítios e estabelecimentos comerciais) e no campo administrativo (por ocuparem os cargos de gestores de escolas, cooperativas e associações culturais). Os brasileiros, por sua vez, na qualidade de trabalhadores assalariados, posicionavam-se de modo desfavorável tanto no campo econômico, quanto administrativo.

A referência à noção de 'campo', desenvolvida por Bourdieu, é bastante útil para a definição das relações entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros como objeto de pesquisa e para a compreensão de sua importância para a formação social do município e da cidade de Pereira Barreto.

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar - ou orientar - todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está

¹ Em japonês: Burajiru Takushohu Kumiai

isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial de suas propriedades. (BOURDIEU, 1989, p. 27.)

Ou ainda,

[...] entendendo por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social - ou de capital - de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder [...]. (BOURDIEU, 1989, p. 28/9).

Desse modo, com base na noção de 'campo' e nas informações obtidas, podemos dizer que a formação do município ocorreu por meio de um processo de correlação e disputa de forças entre imigrantes e brasileiros.

Nesse mesmo período, em razão da configuração desse campo de disputas, há o registro de conflitos cujo fundamento está associado às origens étnicas e de classe. Um exemplo foi o assassinato de uma senhora japonesa por um brasileiro de origem pernambucana, seguido do linchamento deste por membros da colônia japonesa. O fato ocorreu em 1934, na então Vila Novo Oriente, atual município de Pereira Barreto, e ter-se-ia iniciado numa tentativa de estupro frustrada pela resistência da vítima, que foi morta a facadas. Um segundo episódio aconteceu quando um imigrante japonês tentou salvar uma mulher e acabou sendo assassinado por um brasileiro. O criminoso fugiu para a floresta que circundava a vila. No dia seguinte, foi encontrado por um outro imigrante japonês, que foi igualmente morto pelo brasileiro. O assassino passou, então, a ser perseguido por uma multidão de imigrantes japoneses, que acabou por linchá-lo (ENNES, 2006).

É curioso perceber, no entanto, que toda a dramaticidade desse fato foi publicada num jornal da então sede do município, que valorizava o desenvolvimento, o progresso e a ordem (qualidades atribuídas aos japoneses) do local. Trata-se de uma situação até certo ponto inusitada, em que os japoneses aparecem como vítimas do despreparo e da inveja de brasileiros que viviam na Vila Novo Oriente. Nesse caso, a crítica recai sobre o imigrante nordestino, que pelo seu despreparo, e mesmo inferioridade, vingava-se de seus padrões japoneses.

Verifica-se, assim, que o apoio deste jornal revela o capital econômico e simbólico desfrutado pelos imigrantes não apenas no local, mas em toda a região, inclusive entre os brasileiros em seus setores mais intelectualizados.

A primeira fase da trajetória histórica de Pereira Barreto se encerra com a criação do município em 1938². Esse seria um marco importante para o processo de redefinição da correlação de forças entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros. Na realidade, os acontecimentos que se deram no interior no município guardam forte relação com mudanças no plano nacional. Com a instauração do Estado Novo no Brasil, o novo regime reforçou o nacionalismo brasileiro às custas, por exemplo, da propagação da ameaça japonesa no Brasil, mais conhecida como “perigo amarelo”.

Outro acontecimento externo que influenciou na mudança das disputas internas no município foi a eclosão da Segunda Guerra mundial que, além de reforçar a ideia do “perigo amarelo”, transformou japoneses e brasileiros em inimigos. O conflito mundial reforçou a tendência observada com o surgimento do Estado Novo e deu origem a várias medidas restritivas que passaram a cercear a liberdade de locomoção e de comunicação de imigrantes de origem japonesa, alemã e italiana. No caso de Pereira Barreto, imigrantes japoneses e seus descendentes foram proibidos de falar seu idioma de origem na frente de brasileiros. Além disso, tiveram seus rádios confiscados e suas correspondências violadas. Ainda nesse período, a Cooperativa Agrícola Fazenda Tietê, entidade que congregava a grande maioria dos produtores rurais de origem japonesa, sofreu intervenção federal e passou a ser dirigida por um não-nipo-brasileiro.

A mudança na correlação de forças pode ser ilustrada pelas denúncias de empregados brasileiros contra seus patrões nipo-brasileiros proprietários de estabelecimentos comerciais ou sítios. Essas denúncias deram origem a diligências de autoridades brasileiras que muitas vezes resultaram em detenções e quase sempre em situações de constrangimento e humilhação de imigrantes japoneses.

Além dessas, existiram outras implicações políticas decorrentes da criação do município, da situação de Guerra e da vigência do Estado Novo. A política nacionalista do Estado Novo e a condição dos nipo-brasileiros de inimigos de guerra contribuíram para redefinir as posições de nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros nos campos político e administrativo no município de modo a

² Em 30 de novembro de 1938 o então distrito de novo Oriente é elevado a município pelo Decreto Estadual n.º 9775/38. Ocasão em que passa chamar-se Pereira Barreto.

dissociar, ainda que provisoriamente, a condição de classe a origem étnica-nacional.

O segundo período foi ainda marcado pela chegada de um terceiro contingente de pessoas que iriam se fixar em Pereira Barreto: trata-se de um grupo de brasileiros que ocuparia os postos de direção e comando do município. Os responsáveis por estes postos foram substituídos em razão da nova configuração de forças em decorrência da implantação do Estado Novo e da eclosão da Segunda Guerra. Parte desse grupo compraria propriedades de japoneses que deixariam a cidade com o fim da Guerra. Somados aos pecuaristas (em especial, os de origem mineira) os integrantes deste terceiro grupo formariam uma “elite” política e econômica local com a qual a colônia japonesa manteria relações nos campos econômico e político.

O terceiro período tem início com o restabelecimento dos direitos individuais cassados durante a Segunda Guerra Mundial e se encerra na década de 1990. Nesta fase, em que ocorre a implantação da Comarca no município, intensifica-se o processo de esvaziamento da colônia iniciado no final da década de 1930. Grande parte dos imigrantes e seus descendentes passaram a procurar cidades maiores do interior do Estado de São Paulo e foram também para a capital em busca de maiores e melhores oportunidades de negócio e educação para seus filhos. Assim, vários negócios de nipo-brasileiros em Pereira Barreto foram fechados.

Nas décadas de 1960 e 1970, o município sofreu um grande impacto sócio-econômico com as construções das usinas hidrelétricas de Jupia e Ilha Solteira. Na década de 1990, o município foi transformado em Estância Turística. Ainda nessa década foi eleito, pela primeira vez, um nipo-brasileiro para prefeito do município.

Nesse último período, pode-se afirmar que os nipo-brasileiros predominavam no campo econômico e os não-nipo-brasileiros predominavam no campo político-administrativo. Essa configuração de forças pode ser ilustrada pela forte presença de nipo-brasileiros no comércio, na agropecuária, em profissões liberais e no trabalho dos *dekasseguis*³ e, por outro lado, pela hegemonia de não-nipo-brasileiros na Câmara e na Prefeitura Municipal. Nesse caso, mesmo sendo minoritária numericamente, quando comparada com situações análogas em municípios vizinhos, verifica-se a tímida

³ Designação dada a nipo-brasileiros que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente no Japão.

presença de nipo-brasileiros no campo político. Essa constatação é reforçada pelo fato do único nipo-brasileiro até então eleito como prefeito ter sido afastado pela Câmara de Vereadores⁴.

Na realidade, outras situações indicam que as relações entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros no campo político-administrativo, não obstante terem sido caracterizadas pela tensão, não impediram aproximações entre os dois grupos. Esse foi o caso das negociações conduzidas pelo então presidente da Cooperativa Agrícola Fazenda Tietê, um nipo-brasileiro, com a Companhia Energética de São Paulo (CESP) em torno da desapropriação das terras que seriam alagadas com a conclusão da Usina Hidrelétrica de Três Irmãos. Essas negociações envolveram acordos e apoio de vereadores (em sua grande maioria não-nipo-brasileiros), por meio dos quais a Câmara Municipal transformaria parte das terras em área urbana e, com isso, ficou garantido o aumento dos valores das indenizações.

Assim, se de um lado a história Pereira Barreto pode ser compreendida a partir da dinâmica das disputas pelo controle dos campos econômico e administrativo entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros, por outro lado essa dinâmica das lutas simbólicas, econômicas e políticas se fará presente na organização e no desenvolvimento do *Bon-Odori* e sua importância como parte do processo de definição de identidades e alteridades.

Imigração e identidades

Vários estudos no Brasil têm privilegiado a análise das identidades de imigrantes a partir de categorias como 'negociação', 'hibridismo' e outras que procuram evidenciar seu caráter relacional e questionar as abordagens substancialistas que limitam sua análise através de atributos ligados às ideias de 'origem nacional' e "raça".

No início da década de 1970, Ruth Cardoso (1972), em sua tese sobre mobilidade social de imigrantes japoneses, já indicava com perspicácia a inclusão de não-nipo-brasileiros nas famílias japonesas como estratégia de fortalecimento do grupo. Trata-se, de acordo com a autora, de um "instrumento flexível" (1972, p. 13) tendo em vista a mobilidade e ascensão social da família. A

⁴ Na última eleição para prefeito, em 2008, outro descendente de japoneses foi eleito Prefeito do Município.

adoção do “não-nipo-brasileiro” incluía a família em todo o universo das relações sócio-econômicas no interior da colônia⁵.

Ao analisar o processo de produção de etnicidade de imigrantes alemães e de seus descendentes, Seyferth (1999) destaca, também, o processo de flexibilização (mas não de destruição) das fronteiras étnicas, o que permite a negociação de diferentes identidades entre imigrantes e não-imigrantes em diferentes campos. Desse modo, é possível verificar não apenas um movimento contínuo de aproximação e distanciamento em imigrantes e não-imigrantes, mas também o processo de hibridização identitária.

Estudos como os Seyferth (1999, 2004) reforçam a ideia de que relações interétnicas resultam em identidades marcadas pela ambiguidade. Como se vê na citação, o protagonista da ação, mesmo ao incorporar elementos da brasilidade - cidadania e progresso econômico - o faz de uma maneira não “brasileira” mas com base em disposições características da condição de teuto-brasileiro.

A ideia de hibridização aparece em Lesser (2001), que estudou os processos de formação de etnicidades por grupos de imigrantes em contraponto à noção de identidade nacional das elites brasileiras no final do século XIX e início do século XX.

As etnicidades trazidas e construídas por esses imigrantes eram situacionais, e não ‘identidades primordiais imutáveis’. Em diversos momentos, os imigrantes e seus descendentes puderam abraçar sua ‘nipocidade’ ou sua ‘libanicidade’, tanto quanto sua ‘brasilidade’. (LESSER, 2001, p. 27).

Ao destacar o aspecto situacional, Lesser chama a atenção para a dimensão mutável e relacional das identidades. Retoma, também, a ideia de ambivalência das identidades ao referir-se às etnicidades como processos de negociação que, ao contrário de cristalizarem-se como “brasileiros” ou “estrangeiros”, são acionadas de acordo com as relações e o campo social nos quais se inserem.

⁵ De fato, uma das personagens centrais da pesquisa que deu origem à minha tese de doutorado e este artigo, Dona Maria Antonia, foi “adotada” por uma família de imigrantes japoneses e como tal cumpriu um importante papel no processo de afirmação econômica do grupo na cidade. Em contrapartida, a família japonesa a enviou para cursar o segundo grau em outra cidade, garantiu que participasse do *tonomoshi* (espécie de consórcio em dinheiro baseado na confiança recíproca dos participantes), dentre outros mecanismos de solidariedade étnica.

Como podemos verificar, as relações entre imigrantes japoneses ou de outras nacionalidades com brasileiros em diferentes locais e momentos de suas trajetórias não nos autoriza a pensar nesses grupos como portadores de identidades unívocas e cristalizadas⁶. Suas identidades são produzidas nas e pelas relações que estabeleceram nos campos econômico, político, social e cultural. Além disso, como poderemos verificar adiante, os japoneses no município de Pereira Barreto não constituem grupos homogêneos. Ao contrário, devem também ser pensados como um campo de forças no interior do qual os atores sociais lutam e disputam recursos econômicos e simbólicos.

O Bon-Odori

Como já foi dito, o *Bon-Odori* é uma cerimônia japonesa tradicional cujo significado é a homenagem aos mortos. O *Bon-Odori* é praticado em muitas colônias japonesas no Brasil e em Pereira Barreto é realizada no final do mês julho. O planejamento, organização e realização do evento acionam mecanismos de solidariedade interna da colônia. A distribuição das tarefas necessárias para sua realização passa pela hierarquia e pelas posições que os indivíduos ocupam no interior da colônia. Nesse sentido, a importância não está apenas na cerimônia do *Bon-Odori* em si, enquanto tradição, mas também em sua preparação, que leva ao envolvimento de toda a colônia.

Há, também, pessoas de fora da colônia que ajudam na organização da cerimônia: participam dos ensaios da coreografia e do evento. Desde sua preparação, o *Bon-Odori* aciona simultaneamente mecanismos de solidariedade e de hierarquização dentro e fora da colônia.

O *Bon-Odori* é um grande evento na cidade. É realizado em recinto próprio, na sede de campo da Associação Cultural e Esportiva de Pereira Barreto - ACEP⁷, nas noites de sábado e domingo. Participar (ou simplesmente estar presente) no evento é profundamente revelador das relações existentes entre a comunidade nipo-brasileira e a cidade como um todo.

⁶ Em outra oportunidade (ENNES, 2003), escrevi sobre a ambiguidade das identidades produzidas nas relações entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros.

⁷ - A ACEP foi fundada pela colônia japonesa, a maioria dos sócios é de origem japonesa. A ACEP é a entidade responsável por eventos sociais, culturais e esportivos da comunidade *nipo-brasileira* na cidade.

Quando adentramos no local, podemos sentir que estamos pisando em território demarcado, aberto à cidade apenas em ocasiões especiais. Na entrada, uma pessoa de origem japonesa, vestindo quimono, sinaliza o caminho para o recinto. Há grande movimentação de carros e pedestres que afluem para o evento. Próximo ao estacionamento, ainda em uma parte escura, não é possível ver com clareza os rostos das pessoas. Vive-se a ansiedade de saber quem são as pessoas que caminham ao seu lado. São brasileiras? São de origem japonesa?

A entrada, pouco iluminada, não permite que o visitante tenha ideia do que vai encontrar. Aos poucos, conforme nos aproximamos, o recinto vai ganhando sua forma tradicionalmente circular. Luzes brancas e amareladas e o ritmo da música japonesa vão compondo um cenário inusitado e surpreendente.

***Bon-Odori*: espaço de (re)criação prática e simbólica**

O *Bon-Odori* é um momento de redefinição das relações intra- e extra- colônia e, portanto, da alteridade e identidade “herdadas” de outros campos e momentos no município de Pereira Barreto. A dinâmica dessas relações entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros repercutem em todo o processo de planejamento, organização e realização da cerimônia e mantém relações de homologia com os campos econômico, político e administrativo da cidade.

No cotidiano, as relações ocorrem geralmente por meio de práticas e representações que não delimitam claramente o pertencimento aos grupos étnicos. Já a cerimônia é um espaço de maior visibilidade do pertencimento étnico, o que fica expresso na encenação das danças, na alimentação e as vestimentas, ainda que seja, também, amplamente frequentada por não-nipo-brasileiros.

Figura 1. Representação gráfica da organização física da festa.

Do ponto de vista físico, O *Bon-Odori* é estruturado em forma de quatro grandes círculos. Na parte central, encontra-se o *Yagurá*, uma espécie de palanque. A parte de cima é reservada aos músicos e mestre de cerimônia e a parte de baixo é reservada para o descanso das bailarinas de comitivas de colônias de outras cidades. É raro ver uma pessoa que não tenha traços orientais nesta parte. As exceções ficam por conta de autoridades da cidade ou visitantes, especialmente convidados e, eventualmente, homenageados.

Figura 2. Foto do *Yagurá*

O *Yagurá* é o espaço dos artistas que cantam músicas japonesas, homenageando seus ancestrais mortos. O som característico, compassado por um tambor, repercute pelo recinto durante toda a noite. Sua harmonia oriental destoa de grande parte dos rostos que se fazem presentes. Desse modo, se pensarmos o *Bon-Odori* como uma tradição,⁸ podemos compreendê-lo como uma dinâmica que é, ao mesmo tempo, reatualizado por meio de modificações nas formas e elementos que o compõem. Representa um mecanismo de reinvenção e resignificação da cerimônia e, também, de atualização de uma ordem social estratificada por da redefinição das fronteiras entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros.

Esse processo pode ser visualizado por meio das músicas e coreografias encenadas. As músicas, em geral, fazem referência a um modo de vida e a atividades produtivas que caracterizavam o passado rural do Japão. Lembram atividades ligadas à pesca e à lavoura. As músicas são encenadas sob a forma de coreografias, em que os movimentos fazem referência à pesca e lavoura.

Nas partes mais internas, mais próximas ao *Yagurá*, ficam os jovens, individualmente ou em grupos. Os grupos são constituídos de modo muito diversificado: ou são constituídos apenas de jovens nipo-brasileiros; ou de jovens nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros ou são, ainda, formados apenas por jovens não-nipo-brasileiros. Todos dançam com descontração. Reinventam a cerimônia, sua coreografia e seus rostos são alegres.

Figura 3. Segundo círculo: área de dança.

Nesse segundo grande círculo, todo dividido por raias, espaço destinado à dança, mesclam-se pessoas das mais variadas origens. Analisado isoladamente, indicaria uma situação quase caótica. Na parte mais externa do círculo, dançam senhoras nipo-brasileiras trajando quimonos. Seus rostos são maquiados de branco e parecem

⁸ De acordo com GIDDENS, “[...] todas as tradições têm um conteúdo normativo ou moral que lhes proporciona um caráter de vinculação. [...] A tradição representa não apenas o que ‘é’ feito em uma sociedade, mas o que ‘deve ser’ feito.” (1997, p. 84).

introspectos. Seus braços e suas mãos encenam uma coreografia⁹ suave.

Ao afastarmos um pouco o “foco,” é possível contemplar toda a área de dança. Nesse ângulo, a situação aparentemente caótica aparece como reveladora de uma pluralidade profundamente representativa das relações entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros na cidade de Pereira Barreto. Vemos senhoras, jovens nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros, individualmente ou em grupo, todos girando, de modo diferenciado, sob o mesmo compasso da música.

Sobre o espaço de dança são fixadas pequenas lanternas retangulares de papel colorido, amarradas em barbantes que se estendem do centro para as laterais, chamadas de *chōchin*. No interior das lanternas, lâmpadas ajudam a iluminar o ambiente. Em suas faces externas, as lanternas trazem mensagens - escritas em japonês - de famílias e empresas que colaboraram financeiramente para a realização da cerimônia.

Figura 4. Espaço de dança.

A área de dança é separada da de alimentação por uma mureta de aproximadamente um metro de altura. A face voltada para o centro da cerimônia é utilizada para merchandising de empresas da cidade: lojas, oficinas mecânicas, supermercados, cooperativa agrícola etc. compram espaços para publicidade. Tanto as palavras escritas nas lanternas, quanto a publicidade nas muretas denotam prestígio social e poder econômico, reforçados e reatualizados na ocasião da realização do *Bon-Odori*.

É importante perceber como os indícios e os sinalizadores do prestígio e poder econômico e simbólico dos grupos sociais oriundos dos campos econômico e político e administrativo informam sobre as relações constituidoras do *Bon-Odori*. A noção de homologia, tal qual é proposta por Bourdieu (1989, p. 67), é bastante útil para compreender as conexões entre a história do município, suas disputas e lutas e a organização e desenvolvimento dessa cerimônia. De acordo com essa categoria, os campos mantêm entre si relações estruturais de modo que a correlação de forças observada em um campo (no caso o econômico) se faz presente em outros, por exemplo, nas disputas simbólicas do qual o *Bon-Odori* faz parte.

⁹ A coreografia faz referência ao trabalho de plantio, colheita e de pesca no Japão rural.

Nesse sentido, o anúncio publicitário de empresas expressa o capital econômico e cultural de seus proprietários que sinalizam os lugares que ocupam tanto no interior da cerimônia, quanto nos campos econômicos e sociais da cidade.

O campo de forças existentes na cerimônia pode ainda ser visualizado na área de alimentação e ao fundo da cobertura de lona amarela que rodeia a pista de dança, formando o terceiro círculo (partindo de dentro para fora da cerimônia). Esta área abriga mesas ocupadas pelas famílias melhor posicionadas social e economicamente na cidade. Para ter acesso a elas, é necessário reservá-las previamente e estar sentado é, também, expressão de prestígio social. O “terceiro círculo” é o espaço das famílias mais tradicionais da cidade, sejam nipo-brasileiras ou não.

É interessante notar que, assim como se observa, ao longo da história de Pereira Barreto, a estratificação entre brasileiros que se dividem entre trabalhadores braçais e administradores, magistrados e profissionais liberais, verifica-se, também no transcorrer do *Bon-Odori*, a distribuição desigual de brasileiros nos espaços da cerimônia. Observamos que os brasileiros mais próximos das áreas centrais são os que detêm maior capital econômico e político, ao passo que, quanto mais nos aproximamos da área externa, observamos a presença de brasileiros menos capitalizados nesses dois sentidos.

No que diz respeito à alimentação servida na cerimônia, observamos que até a década de 1980, servia-se apenas *udon* (prato típico japonês feito com base em macarrão grosso, molho de *shoyu*, carne em pedaços e ovo) e saquê (aguardente à base de arroz). Hoje foram incorporados o refrigerante, a cerveja e o churrasco. Quase sempre há *udon* e churrasco para comer. Os adultos bebem muita cerveja, algum saquê (este mais consumido entre nipo-brasileiros) e as crianças, refrigerante.

Muitos (nipo-brasileiros, em sua maioria, e alguns brasileiros) comem o *udon* utilizando-se do *hashi* (palitinhos que servem de talher). Caso a pessoa não tenha origem japonesa, o prato é servido com garfo e faca, mas não é esperado que se saiba comer com o *hashi* se não tiver origem japonesa. Quem não for de origem japonesa e quiser fazer uso desse tipo de talher, precisa pedir por ele. Nesse sentido, o conceito de *habitus* nos auxilia a estabelecer a relação entre a estrutura social (dimensão objetiva) e a ação do agente social (dimensão subjetiva).

O *habitus*, como social no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos de jogo que estão inscritos no jogo em estado de possibilidades e de exigências objetivas; as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para recebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 1990, p. 82).

Os tipos de comidas e bebidas e os utensílios utilizados para a alimentação revelam a incorporação, de modo desigual e diferenciado, de costumes, padrões estéticos e alimentares. Representam, também, de maneira consciente ou não, meios de melhor posicionamento num campo social onde o consumo de determinados tipos de alimentos expressam prestígio e distinção social. O fato da área de alimentação cercar toda extensão da pista de dança permite que se assista à coreografia enquanto se faz a refeição. O que por sua vez, reforça a importância da presença no espaço de alimentação, que explicita certos valores, como o de prestígio social. Comida e bebida são servidas por crianças nipo-brasileiras, o que nos remete à estrutura interna da colônia marcada por uma hierarquia em que os mais velhos são sempre servidos pelos mais novos.

O quarto círculo, a parte mais externa, é composto por ambulantes e pessoas que apenas observam de longe, não tomando parte de modo mais ativo da cerimônia. Ficam à margem, talvez distanciados por obstáculos financeiros: consomem pouco e produtos mais baratos do que as refeições servidas na área de alimentação; ou por obstáculos sócio-culturais: sentem-se constrangidos por não fazerem parte do grupo que organiza a festa, por não compartilham o mesmo gosto pelos pratos servidos, ou pelo fato do significado da cerimônia não fazer parte de seu universo cultural e religioso.

Assim, as pessoas que se concentram no quarto círculo são, em sua totalidade, não-nipo-brasileiros. Em geral, são pessoas de origens étnica, econômica e social marginalizadas. Ali se pode consumir artigos típicos de qualquer festa ou evento popular: pipoca, algodão-doce, maçã do amor, e uma série de "tranqueiras" vendidas por camelôs. Esse comércio e o vai-vem das pessoas neste espaço nos faz lembrar do ambiente de uma quermesse típica das pequenas cidades, ou de bairros populares de cidades de maior porte no Estado de São Paulo. Talvez esse seja um dos principais

atrativos, principalmente para o pereirabarretense da periferia, distante cultural e socialmente da colônia no resto do ano.

Considerações finais

O presente artigo procurou discutir o processo de organização e realização do Bon-Odori como expressão das relações entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros no município de Pereira Barreto, localizado na região noroeste do Estado de São Paulo.

Para se compreender as relações que se processam no Bon-Odori desde sua organização, foi necessário reconstruir a trajetória das disputas entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros nos campos econômico e político-administrativo ao longo da história de Pereira Barreto. Nestes campos, verificamos que a dinâmica das disputas e lutas observadas em Pereira Barreto inclui aspectos externos (nacionais - Estado Novo, e internacionais - Segunda Guerra Mundial) e internos (inserção de imigrantes e brasileiros na estrutura econômica e político-administrativa) que posiciona ora nipo-brasileiros, ora não-nipo-brasileiros como grupos hegemônicos na trajetória do município.

São essas relações de poder que produzem identidades negociadas e ambivalentes, tal como ocorreu com alemães, libaneses e japoneses em outros contextos imigratórios no Brasil no século XX. Desse modo, o *Bon-Odori* revela e explicita, de modo mais claro, por ser espacial e temporalmente delimitado, facetas das relações étnicas constituidoras da estrutura das relações sociais da cidade de Pereira Barreto e incorpora e é incorporado por elementos culturais de diversas origens. Como vimos, crianças, jovens, adultos e velhos não só presenciam, mas participam de modo diferenciado da cerimônia/ festa, cada qual a seu modo. Crianças de famílias tradicionais trajam-se a rigor, grupos de amigos (muitos deles de brasileiros, nipo-brasileiros e mestiços) formam grupos na pista de dança e divertem-se ao seu modo. Pessoas que não pertencem à colônia trajam-se e dançam com toda a cerimônia que a ocasião exige. O *Bon-Odori* é, enfim, um exemplo do que ocorre no cotidiano e na história de Pereira Barreto, porque revela as aproximações e distanciamentos entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros.

Nesse sentido, o *Bon-odori* assume, de um lado, um caráter ritualístico em que as tradições culturais e as lembranças dos ancestrais são revividas. É um momento de fortalecimento dos mecanismos de solidariedade e de convivência no interior da

colônia. Ultimamente, estes mecanismos estão ameaçados pelas mudanças culturais vivenciadas pelas gerações mais novas da colônia e pelo esvaziamento de jovens e adultos do grupo em razão do fenômeno *dekassegui*.

A festa representa, também, um momento fundamental da (re)afirmação da colônia dentro da cidade, já que sua realização traz, implícita, a preocupação de reafirmar sua imagem e suas disposições culturais (tradição, organização, receptividade) perante a cidade. O *Bon-Odori*, ainda que re-significado e vivenciado de múltiplas formas, continua sendo, acima de tudo, uma cerimônia japonesa, dentro de um espaço físico japonês, no qual será expresso o capital social, cultural, econômico e político da colônia.

Não obstante, o estudo nos permite perceber as conexões entre a questão étnica e questões relacionadas a classes sociais. Isso porque o processo de "afrouxamento" das relações de alteridade, observado durante a cerimônia, são mais comuns e recorrentes nas partes centrais do evento. Nessas partes, como vimos, pessoas de origem não-nipo-brasileira, são homenageadas, dançam, se vestem, se alimentam de acordo com padrões e costumes nipo-brasileiros. O mesmo não se observa entre aqueles que se concentram nas partes mais externas da cerimônia. Nesses casos, mesmo durante a cerimônia, os pontos de identidade e compartilhamento de gostos e padrões estéticos parecem ser menos frequentes.

Assim, parece ser correto inferir que a "flexibilização" das fronteiras étnicas ocorre a partir de aspectos eleitos como os mais valorizados (como o poder econômico, por exemplo) pelos nipo-brasileiros. Portanto, é uma "flexibilização", até certo ponto, controlada e, como em outros casos, não implica em seu desaparecimento.

As reflexões aqui desenvolvidas permitem dizer, por fim, que nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros constituem grupos internamente hierarquizados, o que pode ser verificado seja na organização e realização da festa; seja pelas formas desiguais que brasileiros de várias classes sociais participam da história do município e de todas as atividades que envolvem a realização do *Bon-Odori*. A constituição dos grupos nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros e suas fronteiras identitárias não nos autorizam a pensá-los como grupos homogêneos destituídos de tensões, ambivalências e disputas internas.

Referências

- BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. La logique des champs. In : _____. *Response: Pour une anthropologie reflexuve*. Ed. Seuil: Paris, 1992.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil / Lisboa: Difel, 1989.
- ENNES, M. A. *A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP. 2001.
- ENNES, M. A. Imigração e direitos na região noroeste paulista. *Estudos de Sociologia (Recife)* v. 12, p. 53-78, 2006.
- ENNES, M. A. . Relações interétnicas: ambiguidades e inacabamentos. *Perspectivas (São Paulo)* São Paulo, v. 26, jan-jun, 2003.
- CARDOSO, R.C.L. *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo FFLCH / USP, 1972. mimeo.
- GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich GIDDENS, A., LASH, Scott. *Teoria social: política, tradição e estética na ordem social moderno*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 73 - 133.
- QUEIROZ, M. I. P. *Carnaval brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SAKURAI, C. *O romancista da imigração*. São Paulo: Ed. Sumaré/Fapesp, 1992.
- SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. *Mana*. vol. 5, n. 2, 61-88, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração no Brasil: comentário sobre a Contribuição das Ciências Sociais. *BIB*, São Paulo, n. 57, 1º semestre de 2004, p. 7 - 48.